

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA ATIVIDADE ECONÔMICA PAULISTA

Um dos méritos da Pesquisa da Atividade Econômica Paulista (Paep) de 2001, assim como a sua precedente, de 1996, é permitir a desagregação das informações pelas regiões do Estado de São Paulo. Dessa forma, é possível verificar as diferenças entre estas áreas, sua importância na economia estadual e suas potencialidades.

Comparados com 1996, os dados da distribuição da atividade econômica paulista mostram a confirmação de um forte núcleo na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), –complementado com uma atividade intensa nas regiões administrativas que compõem o seu entorno (Sorocaba, Campinas, São José dos Campos e Baixada Santista), – e uma vasta região interiorana, com menor escala de produção.

As alterações verificadas no período 1996-2001 ocorreram nessas regiões do entorno, uma vez que a Região Metropolitana de São Paulo perdeu participação relativa (de 60% para 53%). Quem ganhou, contudo, foi a região circunvizinha, mantendo a participação dessa macrorregião em cerca de 90% da produção industrial, ao longo do período. Essa redistribuição, no caso industrial, deve-se ao péssimo desempenho em 2001, quando, com queda da renda da população, houve maiores perdas para a indústria metropolitana, voltada para o mercado interno, do que para as regiões de seu entorno, com produção destinada também à exportação.

As regiões de Campinas, São José dos Campos e Santos aumentaram suas participações na indústria estadual, enquanto a RMSP e Sorocaba diminuíram. No caso das regiões que elevaram a participação, encontram-se indústrias como as do aço, aeronáutica (no caso, a Embraer, de São José dos Campos) e alimentos (sobretudo os complexos da cana e da laranja), que ganharam com a desvalorização do real em 1999 (o que tornou seus produtos mais competitivos). Nessas regiões também se encontram as principais refinarias do Estado (em Paulínia, São José dos Campos e Cubatão), que

tiveram ganhos associados ao aumento dos preços dos derivados de petróleo, entre 1996 e 2001.

RMSP: concentração industrial

Ainda assim, a RMSP concentra 73% de toda a indústria de confecção e vestuário do Estado (62% só na capital, o que mostra o quanto a moda é importante para a economia paulistana, especialmente no emprego), 90% da indústria de edição, impressão e reprodução de gravações (aqui também com participação relevante do município de São Paulo, que possui as sedes dos principais jornais e editoras), dois terços da indústria química, com destaque para a farmacêutica, 72% da fabricação de equipamentos de informática (com destaque para a região oeste da RMSP, sobretudo Barueri), 70% da produção de material elétrico, que, em 2001, cresceu graças ao “apagão”, e 64% de toda a produção da indústria automobilística, o que mostra a importância da região do ABC que responde, sozinha, por quase metade da produção estadual.

Indústria do interior: além do agroalimentar

Nas demais regiões do Estado, prevalece a indústria agroalimentar (basicamente cana e laranja), mas com algumas especializações importantes: é o caso da indústria de calçados, com grande participação das regiões de Franca¹, Araçatuba; e, em menor escala, Bauru, bem como da indústria de máquinas e equipamentos da Região Central (São Carlos e Araraquara), cuja participação é pouco inferior às da Região Metropolitana de Campinas e da Região Administrativa de Sorocaba.

Ainda buscando as particularidades da indústria interiorana, vale salientar a participação da Região de Ribeirão Preto no setor de instrumentação médico-hospitalar, de precisão e de automação, a terceira do Estado, superada somente pela Região Metropolitana de São Paulo e Região Administrativa de Campinas. Também o complexo papel e celulose/edição e

¹ Note-se que a indústria que gera maior valor adicionado na Região Administrativa de Franca não é a de calçados, mas sim a de alimentos (39% do total para esta última e 27% para a anterior). No entanto, quando se verifica a participação desses segmentos no total do Estado, resulta que o setor de alimentos responde por pouco mais de 2% do total, enquanto que a de calçados por mais de 30%.

impressão, na região de Bauru, apesar de ter uma diminuta participação no total do Estado, sobressai diante da maciça participação da RMSP. A Região Administrativa de São José do Rio Preto tem participação marcante no setor “outras indústrias”, que compreende a indústria moveleira, que tem na região um importante pólo produtor.

Entorno metropolitano: força da indústria

Na área circundante à da RMSP, o destaque é a Região Administrativa de Campinas, que possui quase um quinto da produção industrial estadual, com participações expressivas nos setores de refino de petróleo e álcool (41%, a maior do Estado), material eletrônico e de comunicações, de papel e celulose e têxtil (a segunda participação do Estado, em todos esses segmentos). É uma indústria diversificada e moderna, como expressa a participação de material eletrônico e de comunicações, que se vale do conhecimento acumulado no CPQD (Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações) de Campinas, atraindo para a região indústrias ligadas ao setor de telefonia, sobretudo móvel.

A Região de São José dos Campos é aquela que apresenta o maior salto quantitativo entre 1996 e 2001 (de 6,5% da indústria estadual para 11%), pois ali se concentram tanto uma refinaria de petróleo (a Henrique Lage, de São José dos Campos) como indústrias voltadas para a exportação (aeronáutica e metalúrgica, principalmente). Entretanto, essa região apresenta também um aspecto qualitativo importante: a participação de empresas de alto conteúdo tecnológico é mais relevante nessa região do que nas demais, apresentando alta participação também no total do Estado. É o caso, já conhecido, da indústria aeronáutica (a sede da Embraer é em São José dos Campos), que concentra nessa região 84% de todo o Estado, mas também é o caso da alta participação dos setores automobilístico, de metalurgia básica e, principalmente, de equipamentos de informática (14% do Estado, superada somente pela Região Metropolitana de São Paulo).

A Região de Sorocaba teve, ao longo do tempo, uma grande diversificação de sua indústria. A outrora “Manchester Paulista”, caracterizada pelo predomínio da indústria têxtil de Sorocaba, hoje é representada por quase

todos os setores industriais, sem a preponderância nítida de um setor sobre os demais. Por isso mesmo, assim como a Região Metropolitana de São Paulo, sofre as vicissitudes das crises macroeconômicas com maior impacto e, entre 1996 e 2001, perdeu participação na indústria estadual. Sem uma produção voltada especificamente para o mercado externo e sem possuir uma refinaria de petróleo, ao contrário das outras três regiões do entorno, sua indústria destina-se ao mercado interno e, com a queda no poder aquisitivo da população, sua produção diminuiu no período. Ainda assim, apresenta fortes participações na indústria estadual, como no caso da metalurgia básica (sobretudo o alumínio) e da fabricação de produtos de minerais não-metálicos. Esse último segmento tem sua força ligada à indústria extrativa (principalmente de calcário) e à posterior fabricação de cimento e cal. Deve-se lembrar ainda que a participação do setor “outras indústrias” é muito grande em relação ao Estado, e boa parte desse valor refere-se à indústria da madeira, que se tornou quase uma exclusividade da região (principalmente na sua extremidade ocidental).

A Baixada Santista completa a macrorregião do entorno metropolitano e também cresceu em participação, entre 1996 e 2001 (de 2,3% para 2,9%). Ao contrário da região anterior, nessa a indústria é altamente especializada em refino de petróleo (a Refinaria Presidente Bernardes se localiza em Cubatão) e na metalurgia básica (a Cosipa também está nesse município). Com relevância para a região, mas com participação reduzida no total do Estado, encontra-se a indústria química, também de Cubatão, que se vale da produção da refinaria para a obtenção de insumos básicos à sua produção.

Baixada Santista: Porto favorece serviços

Se nas outras regiões do entorno metropolitano a atividade industrial tem participação bem maior que a do terciário, na Baixada Santista isso não acontece, já que a região participa com cerca de 3% tanto dos serviços como do comércio estaduais. Isso se deve, essencialmente, à característica do município de Santos de pólo comercial de todo o litoral e, principalmente, ao porto, que engendra uma série de atividades de apoio do setor de serviços,

como agências de viagens, serviços de corretagem, logística de transporte e reparação de contêineres.

Também no setor de serviços da Baixada, possuem importância, em relação ao total do Estado, os segmentos de atividades de lazer e cultura e alojamento e alimentação, ligados à atividade turística da região.

Terciário do entorno: menor que a indústria

Vale notar a pequena participação do terciário nas regiões de Sorocaba e São José dos Campos, com participações inferiores àquelas obtidas pela atividade industrial (nos serviços, 2,8% e 3%, respectivamente; no comércio, 3,7% e 3,9%). Aparecem com uma certa relevância na participação estadual os serviços prestados à agricultura, em Sorocaba, e os de alojamento e alimentação, em São José dos Campos, que se valem dos pólos turísticos do litoral norte e de Campos do Jordão.

Na Região Administrativa de Campinas, embora com a segunda parcela da atividade terciária do Estado, os percentuais ainda estão abaixo dos obtidos pela indústria (11% dos serviços e 17% do comércio). Os serviços com participação mais expressiva na região são os de apoio à agricultura (o maior do Estado), transportes, alojamento e alimentação, educação formal e serviços pessoais. É interessante notar que os serviços prestados à agricultura e os de alojamento e alimentação encontram-se majoritariamente fora da Região Metropolitana de Campinas, enquanto os de transporte e educação (graças à localização da Unicamp), estão na RMC.

Interior: serviços ligados às famílias

À medida que se afasta do núcleo metropolitano, ganham participação os segmentos de serviços ligados ao atendimento das necessidades dos consumidores, como os de saúde, educação e infra-estrutura sanitária, e perdem importância os de apoio à atividade econômica (com exceção dos serviços de apoio à agricultura). Vale ressaltar a importância do comércio para pólos regionais tradicionais, como Ribeirão Preto, Marília e Bauru, para os quais a participação no comércio estadual é mais relevante do que na indústria.

Deve-se lembrar que as sedes dessas regiões atendem, além de seu entorno imediato, consumidores que ultrapassam as fronteiras estaduais (Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e norte do Paraná).

Serviços da metrópole: sofisticação

Abordar o setor de serviços, entretanto, é mencionar sua estrutura na Região Metropolitana de São Paulo, uma vez que esta área concentra 70% de todo o valor adicionado dos serviços do Estado, 52% dos quais na capital. Essa concentração se exacerba quando se analisam os segmentos do setor de serviços ligados à atividade econômica em geral: é o caso dos serviços técnicos prestados às empresas (87% do Estado), serviços auxiliares prestados às empresas (79%), telecomunicações (95%) e atividades de informática (86%). Igualmente importante é a concentração, em termos de geração de valor, do segmento de saúde da RMSP: se considerarmos que esse é um serviço teoricamente distribuído de acordo com a população, impressionam os 71% da metrópole. Evidentemente isso se deve aos centros de excelência, localizados sobretudo na capital, como Hospital das Clínicas, Albert Einstein, Sírio e Libanês, entre outros centros médicos de ponta, que atraem pacientes de todas regiões do Estado, do país e de alguns países da América Latina.